

## **A identidade nacional na marca do pênalti: a Copa do Mundo de 1970 e a Minicopa de 1972 na análise do jornal Folha de São Paulo**

Patrícia VolkSchatz (Universidade Federal de Santa Catarina)

O futebol é comumente apontado como elemento constitutivo da identidade nacional brasileira, e essa condição é resultante da trajetória desse esporte no país iniciada em fins do século XIX por intermédio dos filhos da elite brasileira. Jovens enviados à Europa para estudar retornavam ao Brasil com a experiência do futebol e, em casos excepcionais como o de Charles Miller, também com materiais profissionais que foram pioneiros na prática do esporte. A alcunha de “pai do futebol no Brasil” atribuída à Miller se refere a uma primeira fase do esporte no país quando o futebol ainda era uma prática particular das elites e é exemplificado com clubes como o carioca Fluminense de 1902 fundado por membros das famílias tradicionais da então capital do Brasil.

A popularização do futebol no país e a sua transformação em ícone da identidade nacional acompanha transformações urbanas e econômicas, assim como uma crescente atenção política sobre o esporte. Essa mudança ocorre a partir dos governos de Getúlio Vargas entre 1930 e 1945 com a incorporação do esporte à ideologia do Estado e o investimento na construção de uma política de massas que envolvia propaganda governamental. Em atos públicos Vargas se encontrava com os “trabalhadores do Brasil” em estádios de futebol como o São Januário do Clube de Regatas Vasco da Gama.

Mas, o que efetivamente contribuiu para a popularização do futebol e identificação com a população brasileira foi a construção discursiva elaborada a partir de um governo que aceitava um Brasil mestiço e ainda propunha valorizar as características resultantes dessa mestiçagem. O futebol se tornava desta maneira uma ferramenta de manifestação genuinamente brasileira e popular.

Roberto DaMatta discute a popularidade do futebol no Brasil por meio da ideia de dramatização. Considera que sem drama não há rito e, assim, a dramatização chama a atenção para as relações, ideologias ou valores. O futebol, como ritual e drama, é o meio pelo qual o povo, definido de modo genérico, manifesta-se socialmente. Segundo DaMatta, é preciso contornar ideologias que tratem do futebol como “ópio do povo” para vislumbrar o caráter funcional, político e social deste esporte, pois o futebol seria a própria sociedade expressa por regras, ideologias, objetos e demais manifestações. Determinadas características, como a improvisação, tornam o futebol brasileiro particularmente singular como expressão individual e coletiva. A dramatização apontada por DaMatta envolve também o processo segundo o qual uma entidade abstrata como um país torna-se algo visível e concreto por meio de uma seleção de futebol. A massa popular submissa a uma ordem hierárquica tem no esporte um canal de manifestação. O que se destaca nesse movimento de popularizar o futebol é o uso dos conceitos de ritual e drama social para explicar o espaço privilegiado deste esporte no Brasil.

Além da associação entre drama, mito e futebol ou, ainda, disciplina e cidadania com a prática esportiva como base para a política getulista, outros fatores impulsionaram o papel desempenhado pelo futebol, em especial sua profissionalização, no ano de 1931, e sua inserção na legislação trabalhista. Em 1941 foi criado o Conselho Nacional de Desportos (CND) que previa ordenar a profissionalização do esporte e a organização de clubes e federações que até então atuavam com autonomia. A legislação desportiva, com exceção de reparos periféricos, manteve-se inalterada até a ditadura civil-militar de 1964.

Com a popularização do futebol o que se verifica nas décadas seguintes é uma intrínseca aproximação entre o futebol e a identidade nacional, principalmente na ocasião de disputas esportivas. Os usos políticos e midiáticos sobre o futebol têm sido crescentemente explorados por variados estudiosos e o período da ditadura civil-militar é um momento particularmente interessante para que reflita sobre a importância dessa modalidade esportiva para o entendimento de questões políticas, econômicas e sociais no Brasil.

A partir do bicampeonato mundial de futebol conquistado consecutivamente pelo Brasil em 1958 e 1962, a possibilidade de um tricampeonato inédito transformou a Copa do Mundo de 1970 em sonho almejado por milhões de brasileiros. O sucesso brasileiro no futebol sugeria que

A identidade se constrói em torno de elementos de positividade, que agreguem as pessoas em torno de atributos e características valorizados, que rendam reconhecimento social a seus detentores. Assumir uma identidade implica encontrar gratificação com esse endosso. A identidade deve apresentar um capital simbólico de valoração positiva, deve atrair a adesão, ir ao encontro das necessidades mais intrínsecas do ser humano de adaptar-se e ser reconhecido socialmente. Mais do que isso, a identidade responde, também, a uma necessidade de acreditar em algo positivo e a que o indivíduo possa se considerar como pertencente. (PESAVENTO, 2003, p. 90-91)

A mídia brasileira foi responsável por veicular mensagens que aproximavam e mesmo igualavam o sucesso do selecionado brasileiro com a imagem do Brasil em cenário mundial. A propaganda política é objeto da atenção de Carlos Fico no livro “Reiventando o otimismo” que realiza uma análise que compreende o período entre 1969 a 1977. Em torno do regime eram ressignificadas imagens otimistas do país e de sua população, notadamente entre 1968 e 1973 com o “milagre” econômico que projetou em diferentes grupos sociais expectativas positivas. As classes médias e elites urbanas acreditavam na projeção do Brasil como potência mundial a população em geral esperava oportunidades de emprego e diminuição das disparidades de classe.

A vitória na Copa do Mundo de 1970 seria apenas a coroação de um projeto nacional que se desenvolvia desde 1964, pois os primeiros anos da década de 1970 do governo Médici foram animadores em questões econômicas, e o país cresceu expressivamente, com a emergência de muitos setores empresariais, como o automobilístico. O país vivenciou a formação de uma classe média ávida a consumir bens de consumo duráveis, e essa estabilidade é o que inúmeras vezes foi apontada como razão para uma pretensa apatia de setores da sociedade brasileira em relação ao regime de arbítrio.

Com o início da Copa do Mundo de 1970 o jornal Folha de São Paulo representante da grande imprensa nacional e líder vendas no país oferece um panorama das expectativas com o mundial de futebol do México e apresenta inúmeros discursos entusiastas de união nacional e identificação dos brasileiros com o esporte. A primeira mensagem publicada aos leitores em junho de 1970 incita os brasileiros a se unirem em torno da torcida pela Seleção com o sugestivo título de “Coração no México” em que era possível ler

A partir das sete horas da noite de hoje, todo o Brasil, praticamente, estará de olhos, ouvidos e coração voltados para o México, onde a seleção nacional inicia a difícil caminhada com que busca conquistar a Taça Jules Rimet. Não é fora de cabimento salientar, nessa oportunidade, a extraordinária importância do futebol como fator de união nacional. Raras vezes os brasileiros entram numa comunhão tão perfeita como quando onze homens, com o uniforme da CBD, perseguem a vitória num campo de futebol, contra uma seleção estrangeira. E se a disputa é de um Campeonato Mundial, essa comunhão é ainda mais íntima: aproximando-nos numa entidade única, somos mais unidos do que nunca. (Folha de São Paulo, 03 de junho de 1970)

Pelo exposto, observa-se o claro apelo ao sentimento nacional apoiado no futebol e na disputa da Copa do Mundo. O esporte também era considerado o elo que ligaria a população ao governo civil-militar como se observa

Do Presidente da República, ao mais humilde dos concidadãos, todos nós, quando a seleção entra em campo, passamos à condição de torcedores, ardorosos e inflamados, para não dizer mesmo apaixonados. É como se o futebol realizasse o milagre de fazer-nos esquecer eventuais divergências e ressentimentos, dificuldades e problemas, colocando-nos de novo na situação de uma grande família ligada por laços sólidos. (Folha de São Paulo, 03 de junho de 1970)

Houve muitas críticas da oposição sobre o futebol, principalmente nesse período de disputa da Copa de 1970, sobre o caráter manipulador e alienante da prática esportiva. Como se os brasileiros aceitassem as arbitrariedades do regime cegados pela euforia futebolística as acusações sobre o futebol não consideravam a relevância do otimismo econômico como o responsável pela popularidade do general Médici.

A Folha de São Paulo registrou essa tentativa de desqualificar o ponto de vista dos opositores ao regime na ocasião de início da IX Copa do Mundo

os que até pouco tempo alimentavam preconceitos contra as atividades esportivas, e contra o futebol, principalmente, estão sendo obrigados a rever essa atitude. Não pode ser desprezível e alienante um esporte que serve de maneira tão eloqüente à causa da aproximação entre os homens, sejam de nações diferentes, sejam de uma mesma nação. Em mensagem aos organizadores da Copa do Mundo, o papa Paulo VI salientou alias precisamente esse aspecto, ao formular votos no sentido de que o sadio espírito de competição que se espera impere na disputa, sirva de exemplo a paz mundial. (Folha de São Paulo, 03 de junho de 1970)

Cabe ressaltar que, quando se trata da relação entre política e futebol, não se pode aderir à visão que simplesmente qualifica o futebol como mero artífice de manipulação das classes dirigentes sobre a população. A Copa do Mundo de 1970, certamente foi importante para o governo civil-militar, mas isso porque ultrapassa a campanha institucional de repressão e propaganda e atinge aspectos das apropriações diferenciadas do esporte pela população, num momento de crescimento econômico e mudanças sociais. O Mundial de 1970 pode ser, para muitos, uma ilustração do quanto o futebol possa aparecer como “ópio do povo” e meio de alienação e manipulação da população. É claro que os governos tendem, assim como a imprensa, a utilizar-se de manifestações populares como o futebol para promoção, mas aponta-lo como simples alienante social é desconsiderar parte da história e da trajetória do esporte no país.

A Copa do Mundo de 1970 contou com uma final entre Brasil e Itália e com um placar de 4 a 1 para os brasileiros. O discurso de Médici transcrito no jornal Folha de São Paulo em 22 de junho é um exemplo exato de como todos os princípios do projeto nacional empreendido pelos militares permeavam o discurso da vitória do Brasil no campo esportivo – “Médici participa do entusiasmo do povo”

E identifico, na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de princípios que nós devemos amar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso de nossa seleção de futebol a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade, da capacidade técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga. Sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais além da genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva. Neste momento de vitória. Trago ao povo minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável seleção de futebol, a

própria afirmação do valor do homem brasileiro. (Folha de São Paulo, 22 de junho de 1970)

As palavras do general Médici de “vontade coletiva” referiam-se, novamente, a unidade nacional e a vitória nos campos esportivos conseguira seu intuito inicial, que era o de celebrar o sucesso econômico interno com um título que projetava o Brasil em cenário mundial como campeão inédito da Taça Jules Rimet.

Mas as atenções sobre o futebol continuaram, e em 1971 através do decreto lei nº 69344 se instituiu a Comissão Nacional para programar e coordenar as comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil. Composto a Comissão estavam os Ministros da Justiça, da Marinha, do Exército, das Relações Exteriores, da Educação e Aeronáutica, além dos chefes dos Gabinetes Militar e Civil da Presidência da República. Também participavam os presidentes do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), do Conselho Federal de Cultura (CFC), da Liga de Defesa Nacional, da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), da Associação de Emissoras de Rádio e TV e da Associação Brasileira de Rádio e TV. Como destaca Janaina Martins Cordeiro, eram “tempos de comemorações” destacando o tricampeonato mundial de 1970 e o Sesquicentenário de Independência do Brasil em 1972, como a grande festa popular da ditadura. (CORDEIRO, 2009, p.3)

Sobre esse ponto o autor Carlos Fico trabalha a ação da Aerp (Assessoria Especial de Relações Públicas) na coordenação dos eventos comemorativos de 1972

Um nítido padrão pedagógico, portanto, criador de uma pauta de preocupações cívicas, e que pretendia estabelecer um tipo de cidadania decorativa, que permitiria a presença ou a “participação” de todos através de iniciativas adjetivas, secundárias, compondo algo como um “cenário de democracia” por meio de comemorações enaltecidas dos feitos dos brasileiros e do Brasil. (FICO, 1997, p.93)

Como fica possível observar as indicações eram de que as comemorações cívicas de 1972 mobilizariam grande número de participantes. A iniciativa dos meios políticos somada à função discursiva da imprensa resultou nas bases para

promoção do nacionalismo através de um calendário cívico que se estendia de abril há setembro de 1972.

A trajetória de comemorações patrióticas teve início com a negociação entre Brasil e Portugal pelo traslado dos restos mortais de D. Pedro I para o Rio de Janeiro. Refazendo o mesmo percurso que os primeiros portugueses fizeram ao chegar ao Brasil em 1500, uma esquadra de navios da marinha de guerra de Brasil e Portugal, trouxe os restos mortais de D. Pedro.

Como destaca a historiadora Lucia Lippi de Oliveira, “a memória nacional não é natural, e sim o resultado de um trabalho de grupos e pessoas que implica as atividades de produção, circulação e consumo de sentidos e valores”. (OLIVEIRA, 2000,p.184). É nesse sentido que todo o esforço do Estado brasileiro em organizar e promover um calendário cívico nacional para 1972 pode ser interpretado como tentativa de construir uma memória nacional canalizada no patriotismo. Como os militares empreendiam um discurso pautado no nacionalismo exacerbado e justificavam suas ações em nome de um projeto desenvolvimentista-nacional, era preciso desenvolver nos brasileiros um sentimento comum em relação ao Brasil.

Os objetivos da organização dos eventos comemorativos pelo Sesquicentenário de Independência podem ser claramente compreendidos na leitura do discurso de Médici. Sua publicação na Folha de São Paulo permite observar claramente a finalidade das comemorações organizadas pelo Estado brasileiro

“A soberania de uma Nação não se outorga, não se recebe de presente; antes se conquista, se preserva e se amplia, com o trabalho, a inteligência, o idealismo, a renúncia e, se preciso, o sangue de homens como nós.”- disse ontem o presidente Médici na mensagem que dirigiu ao povo brasileiro, abrindo as comemorações do Sesquicentenário da Independência. O discurso do chefe do governo, transmitido ontem às 18h30 e ouvido em todo território brasileiro nos Encontros Cívicos promovidos em praças públicas, escolas e estádios, marcou a abertura oficial dos festejos do Sesquicentenário da Independência, que culminarão em São Paulo a 7 de setembro. Disse mais, o presidente em sua curta oração: “Com entusiasmo ainda maior, entreguemo-nos à realização dos programas nacionais de desenvolvimento e integração, ativando setores ociosos, eliminando desperdícios, recuperando o tempo, a energia e a riqueza malbaratados. Vivamos a nossa vocação de fraternidade e de paz, que amanhã mesmo será demonstrada no encontro com Portugal e no

reencontro com Pedro Primeiro, o nosso Imperador do gesto final da libertação, com um permanente anseio de entendimento entre as nações. (Folha de São Paulo, 23 de abril de 1972)

O discurso representava o resgate de ideais nacionais como o trabalho, a inteligência e o idealismo, como qualidades inerentes aos brasileiros e recurso necessário para alcançar o pleno desenvolvimento. Se levado em conta o “milagre” econômico brasileiro e o projeto nacional-desenvolvimentista as palavras de Médici com “à realização dos programas nacionais de desenvolvimento e integração, ativando setores ociosos, eliminando desperdícios, recuperando o tempo, a energia e a riqueza malbaratados”, são inquestionáveis quanto às intenções das comemorações cívicas de 1972 como instrumentos de reelaboração de um patriotismo.

Foi organizada, em parceria com a CBD, a Taça Independência do Brasil, conhecida também como Minicopa, por se assemelhar a Copa do Mundo. Não resta dúvida que essa era a real intenção do Torneio, pois era a primeira organização de um evento futebolístico de destaque no Brasil desde a Copa de Mundo de 1950. A ideia da Minicopa era a de que participassem todas as Seleções campeãs do Mundo desde o 1930 quando se instituiu o campeonato mundial. Assim teriam presença no Torneio organizado no Brasil as Seleções de Uruguai, Itália, Alemanha e Inglaterra somadas a mais 15 Seleções de relevância internacional. Além das Seleções de importância internacional participaram do Torneio times nacionais, somando 20 selecionados.

Participaram da Minicopa do Mundo realizada no Brasil as Seleções da Argentina, da África (um combinado com jogadores do continente), França, América Central (combinado continental), Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, Paraguai, Irlanda, Venezuela, Chile, Irã, Equador, Iugoslávia, Portugal, Brasil, Uruguai, URSS, Checoslováquia e Escócia. Apesar dos convites do Brasil e da projeção grandiosa do Torneio Independência do Brasil, algumas Seleções de notável importância internacional no futebol recusaram participar da competição.

A final aconteceu no dia 9 de julho de 1972 no estádio do Maracanã, onde compareceram 100 mil pessoas para acompanhar a partida entre a Seleção

Tricampeão do mundo e a Seleção de Portugal. Foi nítido o discurso da imprensa de defesa do prestígio do Tricampeonato mundial conquistado em 1970. O jornal Folha de São Paulo também publicou no dia seguinte a conquista do título uma reportagem intitulada: “No gol de Jair, a Taça que fica” numa escrita poética sobre a vitória brasileira

Silêncio, um gênio está com a bola nas mãos, acariciando-a parecendo saber, desde já, qual será o seu destino. Em volta, cem mil pessoas, com o grito de explosão retido na garganta há quase 90 minutos, esperam ansiosas a sua decisão. Ele não tem pressa, sabe o que vai saber. Não se incomoda que os adversários estejam a menos de dez passos daquela que ele aprendeu a dominar desde cedo: não quer nem pensar nas cem milhões de pessoas que sonham com esse título. Ele também sonha, também não gosta de perder. O juiz apita, milhões de pessoas de levantam, no estádio, nas ruas, nas casas. Mas o gênio não tem pressa. Olha mais uma vez para a bola, não se distancia mais de três passos, cada vez mais se percebe a sua superioridade, a sua segurança. Na área, um bolo de jogadores brasileiros, tentando confirmar as glórias de um passado; portugueses, vivendo o sonho, a esperança de conseguir ao menos um empate perante os reis do mundo. Um sorriso, o corpo que se move, a perna esquerda se ergue, o centro que sai perfeito, junto com o grito de milhões de pessoas. Gol. É gol do Brasil que Jairzinho fez de cabeça; que Rivelino, o gênio, já tinha feito quando começou a acariciar a bola. (Folha de São Paulo, 10 de junho de 1972)

A vitória na Minicopa de 1972 representou também a repetição de uma cena acompanhada em 1970 quando o Brasil conquistou o Tricampeonato de futebol, a participação entusiasta do presidente Médici. Assim, como participou da mobilização inicial das comemorações do Sesquicentenário de Independência o General Médici compareceu ao Maracanã para acompanhar a partida entre Brasil e Portugal e entregar a Taça de campeão ao vencedor do confronto. Novamente a Folha de São Paulo apresentou o acontecimento com o título “Primeiro nervoso, depois só alegria”:

O presidente Médici, muito aplaudido, pelo público, assistiu ao jogo visivelmente nervoso e várias vezes levantou os braços em sinal de decepção quando os jogadores perdiam um gol. Ele fumou durante o jogo 9 cigarros, que costuma ser sua média diária. Quando Jairzinho marcou o gol, o presidente jogou para o alto o rádio com que ele acompanhava o jogo, levantou-se com os dois braços para cima e lançou um entusiasmado grito de gol. [...] Na hora da entrega da Taça, o presidente disse a Gérson: Parabéns capitão. Vocês

acabam de dar uma grande alegria ao Brasil. (Folha de São Paulo, 10 de junho de 1972)

É muito clara a tentativa, verificada desde a Copa do Mundo de 1970, em transformar a figura do presidente Médici em um homem comum do povo, um brasileiro torcedor da Seleção do seu país. Pois Médici comparece ao estádio, mostra sinais de nervosismo comuns àqueles que admiram o futebol, ouve pelo rádio os lances da partida e explode em comoção com o gol feito. Novamente é a presença do discurso nacionalista personificado no homem do povo, afeito ao futebol, uma das expressões populares mais importantes do país. O fim da Minicopa com vitória da Seleção Brasileira serviu para brindar as comemorações cívicas nacionais com uma nova conquista no futebol. Novamente o Brasil se impusera como soberano nos campos esportivos finalizando um período próspero da Seleção nacional.

. No Brasil torcedores e patriotas se confundem, e isso não significa que os brasileiros não distingam a prática esportiva das questões políticas nacionais. Como observado na narrativa jornalística a trajetória do futebol no Brasil na década de 1970 serviu para resignificar o nacionalismo. Por fim, se reforça a importância do futebol como fator de união e identidade nacional e sua aproximação com discussões políticas e econômicas que justificam sua presença nos estudos empreendidos sobre o regime civil-militar no Brasil.

Fontes:

Acervo do jornal Folha de São Paulo.

Referências:

CAPELATO, Maria Helena. **História política**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, vol.9, n. 17, 1996.

DA MATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FICO, Carlos. **Reinventando o Otimismo**. Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1997.p. 96.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2010.

MATOS, Heloísa. **Governo Médici: discurso oculto na comunicação institucional – o caso AERP In: História das relações públicas: fragmentos da memória de uma Área**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

OLIVEIRA, Lucia Lippi de. **Imaginário Histórico e Poder Cultural: as Comemorações do Descobrimento**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. **História e História cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RANGEL, Ignácio. **Economia: milagre e anti-milagre**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.